



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Outubro de 2011, nº 144



Mirella Faur

A Madona e as Virgens Negras

“A escuridão precede a luz e é a sua mãe”
Inscrição no altar da Catedral de Salerno.

A Madona Negra é a representação mais antiga da Mãe Terra, o próprio princípio feminino e nossa Mãe primordial, podendo ser considerada uma metáfora para a antiga crença que via a Terra como o corpo de uma mulher e todas as criaturas eram seus filhos e iguais entre si. Como todos os seres são gerados na escuridão do útero materno, nas nossas lembranças individuais e coletivas o aconchego da escuridão é sinônimo de proteção e de começo da vida. A sabedoria primeva era escura e feminina, a totalidade das suas qualidades sendo reverenciada nos cultos das deusas de todas as antigas culturas. Preta é a cor da terra, do seu poder de fertilidade e regeneração, bem como da destruição e morte. Por isso a Mãe Escura era conhecida como o “Portal da vida”, que se abria para os dois caminhos, da vida na terra ou da vida no reino da Deusa após a morte física. Semelhante a este título, Maria foi chamada de “Porta para o céu”.

O poder de regeneração da terra era simbolizado por imagens de olhos, espirais, círculos, arcos ascendentes, serpentes, árvores, linhas em zigzag ou ondulantes. Nas crenças da Europa antiga a vida era celebrada como um movimento constante, em espiral ou redemoinho sendo evidente nos fenômenos naturais. As antigas civilizações tinham como foco a existência atual - não a próxima -, caracterizada pela sacralidade e mistérios de todas as formas de vida. A vida, assim como a Lua e as estações, era um processo contínuo e rítmico de mudanças, de criação e destruição, da vida e da morte. A ligação entre a terra fértil e a Mãe Terra era evidente, não apenas nos desenhos rupestres das cavernas ou nos artefatos lá encontrados, mas na veneração da Madona Negra que continua até hoje. Ela foi perpetuada no cristianismo como Maria, mas sua verdadeira origem era na pré-história, como comprovam as inúmeras imagens e estatuas encontradas nas grutas, florestas e ruínas dos templos antigos. Semelhantes aos dons da deusa primordial lhe foram conferidos atributos de nutrição, sustentação e perpetuação da vida, representando todas as estações da vida humana: nascimento, maturidade, decadência, morte e regeneração. Como divindade ctônica, ela não era nem boa, nem má, podendo fazer nascer ou morrer, florescer ou destruir.

Na psicologia, a Madona Negra representa o aspecto escuro do arquétipo feminino que é inconsciente, imprevisível e misterioso, o próprio subconsciente que guarda experiências, qualidades, distorções, dons e



provações de vidas passadas. Estes registros individuais e coletivos - ocultos ou reprimidos - esperam para serem trazidos à luz da consciência, retirando máscaras, harmonizando conflitos, curando feridas e assim permitindo a morte do falso ego e o nascimento do verdadeiro eu. Em outra interpretação Madona Negra é considerada a representação integrada da alma, tendo a luz e a escuridão em perfeito equilíbrio. Para alcançarmos nossa integridade e cura, devemos conhecer e nos compadecer dos nossos instintos baixos e das tendências escuras, transmutando-os e aproveitando o potencial positivo resultante destas transformações de forma construtiva. Portanto, a conexão profunda com a Madona Negra possibilita o nosso despertar espiritual, a expansão da nossa consciência e a elevação da alma.

A Madona Negra desempenha vários papéis: é herdeira das deusas mães pré-cristãs, consorte e mãe do deus cristão, “noiva divina” (que representa a alma humana buscando a união com o divino e que diz: “sou negra, porém bela”), curadora celeste, guia espiritual e também arquétipo da Mãe Negra e da sombra humana devidamente integrada. Como mulher negra, ela é amiga e protetora dos oprimidos e das minorias raciais e um modelo materno diferente para as pessoas brancas, que buscam a cura da relação com a sua mãe, libertando-se dos condicionamentos e feridas do passado, dos preconceitos, ideias limitantes e horizontes estreitos. Para alguns cristãos a Madona Negra é a “Mãe Celeste”, que procura cuidar dos seus filhos, ouvindo seus desejos, esperanças e projetos. Muitos pesquisadores da atualidade consideram a veneração das Madonas Negras como a materialização da saudade dos povos pelas suas antigas deusas pré-cristãs, Maria sendo uma versão diluída dos arquétipos antigos mais poderosos e amplos. Em vários lugares na Europa, deusas pré-cristãs associadas à cor negra continuaram a ser reverenciadas ao lado de Cristo, abertamente até o século 6, camufladas ou ocultadas até o século 11.

Foram encontradas mais de 450 imagens e estatuas das Madonas Negras em vários lugares da Europa e Américas como Bélgica, França (onde foram localizadas mais de 300 “Vierges Noires”), Alemanha, Itália, Luxemburgo, Suíça, Hungria, República Tcheca, Croácia, Lituânia, Romênia, Portugal, Espanha, Malta, Irlanda, Estados Unidos, México, Equador, Brasil. Elas têm representações e posturas diferentes, algumas segurando o menino Jesus, outras não, em diferentes tons de marrom ou preto. Muitas foram destruídas durante as “guerras santas”, outras resguardadas por fiéis incógnitos, muitas pintadas de branco seguindo ordens da igreja, mesmo assim os fiéis continuando a chamá-las de “Negras”. Consideradas detentoras

de poderes milagrosos de cura, elas motivam até hoje peregrinações, romarias e oferendas dos fiéis.

“Virgens Negras” ou “Madonas Negras” são registros valiosos de uma época em que a Terra era reverenciada como Mãe e todas as criaturas eram Seus filhos, impregnados com energia vital. Elas possuem um magnetismo especial e na tradição da Deusa são considerados arquétipos ancestrais da face escura da Grande Mãe, atributos de poder, fertilidade, mistério e sabedoria da Mãe Terra. Diferentes das “Virgens Brancas” - que personificam dogmas e virtudes cristãos de obediência e resignação -, as “Negras” têm em comum qualidades telúricas e a localização em sítios arqueológicos (que comprovam a existência de deusas pré-cristãs), nos antigos lugares sagrados como fontes, grutas, pedras ou em vórtices de poder telúrico e energético, onde foram erguidas posteriormente as igrejas cristãs dedicadas a Maria ou a algumas santas católicas. Foram comprovadas também conexões entre as estatuas das Madonas Negras com o culto gnóstico dos séculos 11 e 12, com os “troféus” trazidos pelos Cruzados do Oriente Médio no século 7 e 12 (estatuas originais saqueadas dos templos das deusas de vários países) e com a influência moura durante seu domínio na Espanha. As imagens bizantinas da Madona inspiradas nas antigas representações das deusas Cybele, Astarte, Inanna, Deméter, Perséfone, Ártemis, Ísis foram trazidas para Europa nos séculos oito e nove por comerciantes, emigrantes e navegadores, sendo assim salvas da destruição.

As Madonas Negras possuem dimensões multiculturais confirmando as suas raízes asiáticas e africanas na civilização ocidental. Estudos recentes documentam a influência egípcia e semita sobre a civilização grega, enquanto na Sicília é evidente o sincretismo de crenças africanas, asiáticas (fenícias) e greco-romanas. As tradições religiosas antigas - como a gnóstica, hebraica e cristã - contém elementos da mitologia e iconografia das deusas asiáticas, sumérias, egípcias e europeias, guardando a sua associação com luz e sabedoria, mas sendo desprovidas da unidade primordial entre céu e Terra. Inúmeras das imagens e estatuas destas deusas são negras, cor que evoca o mistério impenetrável da Fonte Criadora. Ísis e Shekina são cobertas por mantos ou véus pretos, Cibele, a forma frígida da Grande Mãe, era reverenciada desde o período neolítico e foi equiparada à Ishtar, a Rainha Celeste da Babilônia, cultuada pelos hebreus como Asherah. Como Cibele, ela foi associada com a morte e o mundo subterrâneo, tendo o rosto negro e sendo venerada na forma de um bloco de pedra preta, um meteoro (semelhante à pedra sagrada dos muçulmanos no seu templo de Meca, nomeada Kaaba). Na ausência de um arquétipo próprio para uma Mãe divina poderosa, os romanos levaram a estátua e a pedra de Cibele para Roma e seu culto se espalhou em todo o Império romano. Ártemis de Éfeso era uma das mais poderosas deusas da antiguidade, uma autêntica Mãe Negra universal, detentora de amplos atributos e muito mais antiga do que suas herdeiras grega e romana. Seu templo era uma das Sete Maravilhas do mundo antigo, sua tocante estátua como a “Mãe dos mil seios”, era negra e sua presença permeava a atmosfera de Éfeso, onde Maria supostamente viveu após a morte de Jesus. Foi em Éfeso também que o Concílio papal proclamou Maria como “Mãe de Deus”. Deméter e Athena tinham versões escuras, Deméter tendo sido conhecida por 46 títulos, entre os quais “A Negra” ou “A Africana”. O mito do rapto de Perséfone e o desespero de Deméter procurando por ela assemelham-se à representação de Maria como “Maria das Sete Dores” (com sete espadas fincadas no seu coração) ou Mater Dolorosa, segurando no colo seu filho morto e chorando sua perda. Tanto Deméter, quanto Maria são envoltas por véus negros.

Nos primórdios do cristianismo, o princípio feminino era representado por Virgens Negras e Brancas e por uma multidão de santas, todas brancas, com exceção de Sara, “A Egípcia”, a padroeira dos ciganos. À medida da expansão e do fortalecimento da religião cristã, as estatuas de mármore e bronze das deusas pré-cristãs foram destruídas, seu culto perseguido e proibido. Porém, em lugares remotos dos países cristianizados, fiéis dos antigos cultos preservaram seus ídolos domésticos e pequenas estatuas, escondendo-os nas grutas e fendas da terra, em criptas dos templos antigos, perto de fontes e rios e no oco das árvores. Alguns foram encontrados na proximidade dos centros religiosos dos cátaros e templários e

nos lugares onde foi preservado o culto da Mãe Divina e de Maria Madalena. Em todos estes locais “apareceram” posteriormente e de maneira “milagrosa” imagens das Virgens Negras, encontradas por pessoas humildes, animais ou crianças. Muitas delas foram perdidas ou destruídas por fanáticos e guerras, enquanto sua verdadeira origem e significado estavam sendo esquecidas. No entanto, sua lembrança influenciou gerações posteriores de escultores e artistas religiosos, que reproduziram suas imagens, surgindo assim representações mais recentes, com características e traços cristãos, mas preservando a cor negra.

Os antigos locais sagrados e templos das deusas pré-cristãs foram adaptados à nova religião e dedicados à Maria, para quem foram “transferidos” atributos e poderes da Deusa, pois não tinha sido possível extinguir da alma popular a veneração milenar de uma Mãe Divina. Na Idade Média, os altares dedicados à Virgem Negra na Europa eram os mais procurados e venerados. A partir do século 10 o culto das Mães Negras se intensificou de tal forma, que ultrapassou o do Pai e do seu Filho. Reis, guerreiros, viajantes, navegadores, camponeses, mulheres, doentes e peregrinos dos países europeus se ajoelhavam perante as imagens das Virgens milagrosas nas inúmeras igrejas e grutas a Elas dedicadas, orando, fazendo seus pedidos e deixando votos e contribuições. Milagres e aparições aconteciam com frequência, principalmente curas de mulheres, enfermos e crianças. A Virgem Negra tornou-se motivo predominante na literatura mística e alquímica dos séculos 12 e 13 e impulso para a construção de inúmeras catedrais e igrejas, além de foco de permanentes romarias e peregrinações.

O intenso e contínuo culto da Virgem Negra representava a perpetuação do princípio feminino em uma cultura e religião patriarcais e misóginas e por isso devia ser abolido ou desacreditado. As tentativas da igreja cristã para explicar a cor negra das estátuas eram equivocadas e sem fundamento, alegando enegrecimento pela fumaça secular das velas, deterioração da tinta ou reações químicas dos pigmentos das tintas, ou a qualidade da madeira utilizada. Mesmo que isso tenha sido verdadeiro para algumas poucas estátuas (principalmente as que foram pintadas de branco ou douradas pelos próprios monges cristãos), a sua origem aponta para as antigas representações ou reproduções de imagens das deusas pré-cristãs como Inanna, Lilith, Cibele, Astarte, Ísis ou Kali. A cor negra foi também atribuída à aparição de certos ícones bizantinos, porém mesmo antes da época bizantina, pinturas mais antigas de Maria encontradas nas catacumbas de Roma eram de cor castanha, denominadas pelos padres de Madona Bruna. Era necessário ocultar a qualquer custo e distorcer o verdadeiro significado da cor preta, atributo milenar da terra, do inconsciente, da fase escura da Lua, do poder misterioso e sagrado da mulher, da sabedoria ancestral, que aceitava a morte seguida pelo renascimento, assim com o dia segue à noite.

Apesar da oposição dos teólogos cristãos, da perseguição pela Inquisição, da destruição de inúmeras imagens pelos protestantes, fanáticos cristãos, revoluções, guerras e reformas políticas, do “disfarce” tingindo as estátuas de branco, o fenômeno complexo e multifacetado das Virgens Negras persistiu ao longo dos séculos. As fogueiras da Inquisição foram seguidas pela frieza da Era da Razão e do materialismo científico, que antagonizava tudo o que era relacionado ao princípio feminino. Porém, no século 19 e 20 “aparições marianas” (fenômenos sobrenaturais nos quais a Virgem Maria aparece a uma ou várias pessoas em diversos lugares do mundo) reanimaram o culto popular da Virgem Negra. No nível erudito, a necessidade de conciliar religião e sexualidade trouxe de novo à tona na consciência coletiva os valores telúricos e femininos. Algumas das Virgens Negras se tornaram símbolos religiosos e mesmo padroeiras nacionais, como a Virgem de Guadalupe, a Madona Negra de Czestochowa (Polônia) e a Nossa Senhora de Aparecida. Atualmente intensificou-se o movimento internacional ao redor de imagens de Madonas, Virgens e Deusas Negras, na esperança de criar uma ponte de ligação entre grupos étnicos, movimentos ecológicos e feministas, teologia da libertação e teorias filosóficas, espiritualistas e políticas. No aeroporto de San Francisco, Califórnia, existe uma escultura de Beniamino

Bufano reproduzindo uma Madona Negra com seios nus, semelhante à deusa Astarte, enquanto outra na Califórnia evoca Ísis. Em 1991 na Polônia houve um “encontro” de Madonas Negras, que reuniu em exposição a hindu Kali com a Virgem de Guadalupe e a Madona de Czestochova. A intensa e extensa veneração da Madona Negra na Itália tem um equivalente no Brasil no culto das deusas afro-brasileiras e nas oferendas anuais nas praias para Iemanjá, a Negra Mãe das águas, enquanto na França, em Saintes Marie dela Mer, procissões, missas, rituais e oferendas no mar reverenciam a negra Sara Kali.



Pesquisadores e historiadores franceses consideram como Madonas Negras autênticas apenas as primeiras Virgens Negras, que têm em comum treze características:

1. Foram esculpidas em madeira entre os séculos 12 e 13.
2. A sua representação é numa postura chamada “majestade” ou “trono da sabedoria”, a versão cristã de Chokmah, a consorte hebraica de deus, atributos transferidos posteriormente para o Espírito Santo e Jesus.
3. Suas feições não são ternas e compassivas como das imagens marianas posteriores, mas altivas e soberanas, de uma majestade divina.
4. A mãe tem maior realce do que o filho e olha diretamente para frente.
5. As cores originais dos seus trajes eram branco, vermelho e preto, com detalhes dourados. Estas cores eram importantes na alquimia, cujo objetivo era a transformação: chumbo em ouro, doença em saúde, ignorância em conhecimento, homem em deus. As Madonas Negras simbolizavam a “Grande obra” alquímica, composta de três fases: nigredo (o Sol negro), em que toda escuridão e as imperfeições do homem comum (o falso ego) eram queimadas; albedo (quando a alma tornava-se iluminada e espiritualizada) e rubedo (a cor do fogo oculto), quando se dava a união do humano com o divino, do limitado com o ilimitado. Tendo passado por estas três fases, o chumbo era transformado em ouro e o homem em deus.
6. As medidas iniciais tinham a proporção de 7:3 (70 cm. altura, 30 cm. largura) seguindo a numerologia sacra pré-cristã da criação divina.
7. Diferentes das madonas brancas, as negras têm como traço comum a sua localização perto dos sítios arqueológicos dos cultos pré-cristãos da deusa ou em locais

imbuídos de poder mágico e telúrico, como os cruzamentos das linhas de força da terra ou a proximidade de estruturas megalíticas. A energia destes lugares afetava os corpos sutis dos peregrinos, harmonizando e alinhando seus chacras com os da terra.

8. A conexão com o Oriente Próximo, a Terra Santa e seus vizinhos (Egito, Síria, Etiópia), tendo sido trazidas pelos Cruzados ou peregrinos, bem como a ligação mística com os templários, cátaros e Merovingios.

9. O lugar da sua localização se tornou alvo preferido dos peregrinos, ou ponto de parada no Caminho de Santiago de Compostela.

10. Seus altares tinham elementos encontrados nas ordens medievais dos templários, cátaros e beneditinos.

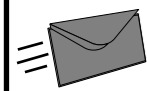
11. Nos seus santuários foram achados símbolos de iniciação esotérica.

12. Foram-lhes atribuídos -e comprovados- poderes milagrosos para cura.

13. Ofertavam-se para as Madonas Negras rituais “estranhos”, que não puderam ser explicados pela igreja cristã, como: queima de rodas de palhas, lavagem das estátuas com vinho, levá-las em procissão para certas pedras da proximidade, acender velas verdes, amarrar fitas nas árvores, práticas comuns nas tradições pagãs.

Apesar da diversidade de aparências, origens e antiguidade, as Virgens Negras evocam as memórias ancestrais do culto da Grande Mãe, fonte de vida e regente de todas as suas fases, do nascimento à morte e regeneração. Elas são a continuação - sob uma nova denominação e na nova religião - da reverência ancestral ao sagrado poder feminino. Autênticas ou réplicas modernas das antigas estátuas, as Virgens Negras evocam a sua origem tônica, aquática e vegetal e as memórias ancestrais da Mãe Terra, pois a sua antiguidade supera a das religiões e civilizações. Elas têm um intenso poder de cura e transformação, pois as Virgens Negras possuem o antigo axé das deusas telúricas, Senhoras da vida, morte e regeneração.

A sua aparição nos sonhos, visões e terapias das mulheres contemporâneas representa uma mensagem do feminino sagrado e transcendente, um incentivo para transpor as pontes que nos afastam e separam e o aviso urgente e premente de reconhecermos o poder sagrado da Terra e da mulher, da diversidade de todas as formas de vida e da sua necessária inclusão em uma harmoniosa e abrangente parceria. Nossa sobrevivência como Filhos da Terra depende da nossa capacidade de resgatar, honrar e cuidar da Sua luz, que brilha oculta na escuridão da nossa inércia, indiferença, esquecimento ou ganância.



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Como num ciclo de tempestades, você eventualmente se vê enlaçada numa crise, cuja intensidade a faz soar como uma grave ameaça à sua sobrevivência. O seu coração se sobressalta, sua respiração esquece o compasso, sua capacidade de atenção sucumbe e o caos se instala, como se a calma não fosse fundamental: sintomas do medo da dor...

Para que não haja tormentos assim tão árduos, é imprescindível um estado de presença proporcionando mudanças reais de atitude, pois ao repeti-las de forma tão idêntica, você só faz recriar o mesmo mundo, condenando-se a encarar os mesmos desafios outra vez. Mas a dor pode ser a portadora da luz, quando o desconforto é alarme contribuindo para que você se torne atuante na conquista da harmonia. E em meio ao sofrimento consciente já existe a semente



da mudança, produzindo alento e motivação. No entanto, antes que seja possível a transcendência da dor, é fundamental reconhecê-la, evitando cair na armadilha do “isso não deveria estar acontecendo...”, “eu não mereço isso...”. Essas são frases ocas, refletindo ilusões que só distanciam você da realidade, da felicidade.

Permita que sua alma selvagem sinta, cheire, constate: estar em paz, feliz, e ser você mesma é uma coisa só! Comece fazendo as pazes com o momento presente, onde Eu estou. Questiona se seu compromisso com o equilíbrio transparece em suas atitudes e pensamentos. Livre da interpretação de papéis, abandone o revirar de velhos baús e a ansiedade de antecipar o tempo quando, então, “você será feliz”. E então você conseguirá expressar em plenitude cada gesto, dançando com a vida, responsável pelo seu estado interior.

Em força e alegria,
Aquela que é.



Mãe Terra

«Filtro de café»

Filtro de Café

Fui ao supermercado comprar filtro para fazer café.

Olhei na prateleira e logo vi a marca que costumo comprar... em confiança. Nem li nada, fui pelas cores e pelo nome. Afinal tudo é planejado para fazermos exatamente isso, não é?

Quando cheguei em casa e tirei o filtro do pacote, senti que era diferente. Ops... Era igual a um que, certa vez comprei inadvertidamente, de outra marca. Não era de papel. Naquela ocasião, olhei a embalagem e vi, em um círculo, escrito: “Lavável 5x Reutilizável”. Ecológico. Como busco ser uma consumidora responsável, isso chamou minha atenção e comprei o tal filtro. Ao chegar em casa, constatei que era “ecológico” porque era de TNT (Sintético ou natural? Existe mesmo TNT de fibras naturais? Enviei mensagem para o fabricante de TNT e ainda não me responderam) e, por isso, reutilizável!!! Naquela época fiquei furiosa por ter sido tão enganada. Comprei um negócio pensando que era ecológico e era de plástico. Muitos plásticos, segundo muitas pesquisas, liberam oxidantes cancerígenos quando submetidos a altas temperaturas. Chá de análogos de estrogênios. Será o caso do TNT? Eu não sei. Pode ser que não. Ou pode ser que sim. Tanto faz, afinal, eu não preciso correr esse risco. Posso usar papel, que depois de usado e cheio de borra de café vira o melhor adubo para o meu quintal. E na embalagem, querem nos convencer de que isso economiza o corte de árvores!!!

Como podem ter a coragem de dizer isso ao consumidor incauto? E logo àquele consumidor que quer ser bacana, honesto, que quer cuidar do planeta? Aquele tiquinho de papel, comparado ao papel da embalagem e de tudo o que a empresa usa de papel ao longo dos seus processos. Esse fabricante “ecológico?” está realmente preocupado com as árvores que serão supostamente poupadas?

Se quisermos ter papel no médio e longo prazo, temos que plantar florestas. E isso não é bom? Ou é melhor usar o plástico que vai demorar séculos para desaparecer na natureza, com suas micro-partículas boiando e se espalhando pelos mares e oceanos? Será que é melhor usarmos o plástico que prescinde a necessidades de florestas e assim não precisarmos mais nos preocupar em conservá-las e plantá-las? Será mesmo que é melhor substituímos tudo por plástico e ficarmos independente das árvores?

Voltando ao início da nossa história...

Quando me dei conta de que esse filtro comprado agora era como aquele da primeira vez em que fui enganada,

parei. Calma... Eu podia estar enganada. Procurei na embalagem o material de que era feito o filtro. Não havia. Isso mesmo, na embalagem não está escrito do que é feito o material pelo qual passará a água quente do nosso café! Vou pesquisar, mas acho que isso é ilegal. Fiquei furiosa por ter sido enganada novamente. E, dessa vez, por uma marca que eu tinha escolhido depois do primeiro episódio justamente na busca de filtros de papel. Calma... é melhor ter certeza do que é feito o filtro de papel e saber se é plástico mesmo. Tentei ligar no número de telefone que está na embalagem e ninguém atendeu.

Primeiro, pensei em processar. Depois pensei que seria perda de tempo e não deveria me envolver tanto com isso. Depois decidi comprar um filtro de papel, fazer um café e pensar com calma no que faria.

Voltei ao supermercado e fui às prateleiras dos filtros para fazer café. Pasmem... Havia uma única marca com filtros de papel. Todas as outras anunciavam em suas caixinhas as maravilhas de seus filtros ecológicos que podem ser usados até 5 vezes!

Dei-me conta, mais uma vez, de como o plástico está invadindo tudo. Estamos deixando que substituam tudo por plástico. Montanhas e montanhas de plástico. Toneladas, bilhões de toneladas!!!

Não será melhor para Mãe Terra se cobrirmos o Planeta de florestas produtivas e usar sua madeira, sua biomassa que acumula carbono, para as nossas necessidades humanas. Ela apodrece? Que ótimo! Teremos sempre que plantar mais e mais florestas. Porque queremos, supostamente, que as coisas durem para sempre?

Que engraçado, no argumento de que queremos que as coisas durem mais, ou para sempre, usamos o plástico em todos os lugares. Só que duram para sempre até quando não nos servem mais. Que paradoxo. Aí, ficarão “para sempre” por aí, poluindo terras, mares e oceanos. Ao mesmo tempo, usamos o plástico em todos os descartáveis porque não queremos que as coisas durem para sempre... queremos as facilidades e a rapidez, queremos economizar tempo e não precisar mais lavar a louça.

Isso me lembra outra estória, de um casal de amigos que queria que eu julgasse um caso:

- ela quer jogar fora o colar que dei a ela.

- o colar é de sementes e está desmanchando.

No que, já que me pediram, dei meu veredito:

-Mas que bom, assim as sementes em apodrecimento (desde que a pintura seja feita com pigmentos e resinas naturais) adubam a terra, fecham seu ciclo e você poderá presenteá-la com um novo colar...

Que surjam e se multipliquem os negócios realmente sustentáveis, realmente ecológicos!

Helena Maltez

Edição e Diagramação:

Nane Silva

Informações:

Nane - 96779453 Andrea - 34084065

Web:

www.teiadethea.org

Agenda

31 de outubro - Comemoração do Samhain: Reverência às Ancestrais

10 de novembro - Plenilúnio: Celebração celta do Povo das Fadas